

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: Diálogo de Saberes e Itinerância

Neusa Maria Tauscheck¹

*“Da minha aldeia vejo quanto da terra
se pode ver no Universo...*

*Por isso a minha aldeia é tão grande
como outra terra qualquer. Porque eu sou
do tamanho do que vejo e não do tamanho
da minha altura”.*

(O Guardador de Rebanhos.

Poemas Completos de

Alberto Caeiro, p.194)

Resumo

Neste trabalho tenho como objetivo apresentar vivências no curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Paraná – Litoral, localizada na cidade de Matinhos, Paraná. As vivências aqui narradas resultam das aulas de campo que ocorreram no primeiro e segundo semestres do ano de 2016. Essas aulas fizeram parte das atividades referentes ao eixo pedagógico Interações Culturais e Humanísticas – ICH intitulado: “Cultura das Populações Tradicionais do Litoral do Paraná”. Trata-se, portanto, de vivências nas quais foi possível aprofundar o exercício do diálogo de saberes entre sujeitos do campo e a universidade.

Palavras chaves: Educação do Campo

Introdução

O curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Paraná – Litoral iniciou suas atividades no ano de 2014,

¹ Educadora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza. Universidade Federal do Paraná, neusat45@gmail.com.

atualmente são cinco turmas: Turma Albert Einstein no Assentamento do Contestado no município da Lapa - Pr, Turma Flor do Vale, na cidade de Cerro Azul - Pr, Turma Paulo Freire, na Comunidade Remanescentes de Quilombola – João Surá, município de Adrianópolis – Pr, Turma Guará e Turma Sementes Nativas com o TU(s) realizados na sede da UFPR.

As vivências aqui narradas resultam das aulas de campo que ocorreram no primeiro e segundo semestres do ano de 2016 na Turma Guará. Essas aulas fizeram parte das atividades referentes ao eixo pedagógico Interações Culturais e Humanísticas – ICH intitulado: “Cultura das Populações Tradicionais do Litoral do Paraná”. Trata-se, portanto, de vivências nas quais foi possível aprofundar o exercício do diálogo de saberes entre sujeitos do campo e a universidade.

A construção das interações são resultados de processos simétricos e da relação dialógica entre educandos, comunidades e servidores (da administração e/ou docentes), reconhecendo e valorizando os diferentes saberes e lugares culturais que compõem a vida social, como também problematizando e questionando as hierarquias existentes entre esses diferentes saberes e culturas. As vivências foram relevantes para a concepção pedagógica da alternância e itinerância, presentes na proposta curricular da Licenciatura em Educação do Campo. Conceção essa que tem como princípio a vivência de educandos e educadores em dois tempos pedagógicos distintos: Tempo Universidade – TU e Tempo Comunidade – TC e em espaços diferenciados. Nas propostas para a alternância e a itinerância do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, há princípios que justificam a importância desses tempos e espaços pedagógicos nos quais:

A itinerância irá possibilitar a realização do Curso em lugares onde não há a presença física da Universidade, bem como a impossibilidade dos sujeitos que lá vivem se deslocarem para lugares onde a Universidade esteja instalada. Com esse regime estaremos também possibilitando o atendimento de demandas reprimidas e excluídas ao longo da história. A Alternância aqui referida será desenvolvida pela conjugação de períodos alternativos de formação na Universidade e na família e/ou escola e/ou agricultura familiar desenvolvida pelo acadêmico, com a utilização de instrumentos pedagógicos específicos. (UFPR, 2012, p. 11).

Sendo assim, a itinerância tem como premissa, na formação do educador do campo, a compreensão do pertencimento dos sujeitos ao Território, como forma de (re) existência. Os processos de ensino-aprendizagem sobre o Litoral do Paraná

históricamente foram reduzido a lugares que possuem como características as atividades econômicas do turismo e da escoação da produção via Porto de Paranaguá.

O conhecimento sobre a cultura e conflitos territoriais das populações tradicionais pouco foi abordada em materiais didáticos como os livros de Geografia. Dessa maneira foram propostos para a Turma Guará, momentos de itinerância para que os saberes da ICH fossem vivenciados, haja vista que vários educandos que vivem no continente não conheciam as ilhas e comunidades em que seus colegas habitam muito menos os trajetos que estes fazem, enfrentando as condições adversas do mar, das estradas e do transporte cada vez que frequentam o Tempo Universidade. O que gerava situações de conflitos entre os licenciados quanto ao cronograma e horários do TU por exemplo. Foram realizadas atividades de itinerância na Comunidade de Rio Sagrado no município de Morretes, na Escola do Campo Hiran Rolin no município de Antonina, na Ilha de Superaguí e na comunidade de Tagaçaban na Comunidade Quilombolda de Batuva, todas no município de Guaraqueçaba. A auto-organização foi outro aspecto vivenciado pelos educandos. As saídas exigiam a organização quanto ao transporte, a elaboração da alimentação e o alojamento.

A não compreensão do outro, o exercício da alteridade, portanto, foram a tônica das intenções vivenciadas na itinerância. Na perspectiva pensar o outro, a relação dialógica, Freire nos alerta:

A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos que buscam a significação. (...) A comunicação verdadeira não nos parece na exclusiva transferência ou transmissão do conhecimento de um sujeito a outro, mas em seu uso-participação no ato de compreender a significação do significado. Esta é uma comunicação que se faz criticamente. (Freire, 1983, p.70)

Nos vários relatos realizados pelos educandos sobre as vivências, identificou-se que o deslocamento, o estar, o conhecer diferentes lugares do Litoral possibilitou que os debates sobre o Território fossem resignificados por meio do exercício do diálogo com os sujeitos. Reafirmando o que Freire traz:

Ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o

diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em 'seres para outro' por homens que são falsos 'seres para si'. É que o diálogo não pode travar-se numa relação antagônica. O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o 'pronunciam', isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos (FREIRE, 1983, p. 43). [...] O que se pretende com o diálogo, em qual quer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento 'experencial'), é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la. (Ibid., p. 52).

As vivências proporcionaram a abordagem de questões como “patrimônio material e imaterial”, “comunidade tradicional” e o “Ser Caiçara”. Questões fundantes na formação do licenciado na medida em que possibilitam a compreensão de que, além dos saberes convencionais da área do conhecimento – Ciências da Natureza – é necessário compreender a configuração espacial do Território do Litoral Paranaense, suas histórias, sua cultura, conflitos e desafios. Por fim, o trabalho de campo trouxe situações em que o debate sobre o Território fosse analisado dentro de mecanismos que o tratam de forma dinâmica, por meio das relações de poder, de fora para de dentro, mas principalmente no interior das comunidades, no diálogo franco e aberto com os sujeitos que nelas habitam.

Construção da ICH: Cultura das Populações Tradicionais do Litoral Paranaense.

No início do 1º semestre de 2016 é proposto ao educandos que escolham temáticas para a ICH e que possuam relações com a sua formação dentro da perspectiva das Diretrizes da ICH. Este momento de construção acontece coletivamente. Na foto do quadro abaixo ilustra este momento.

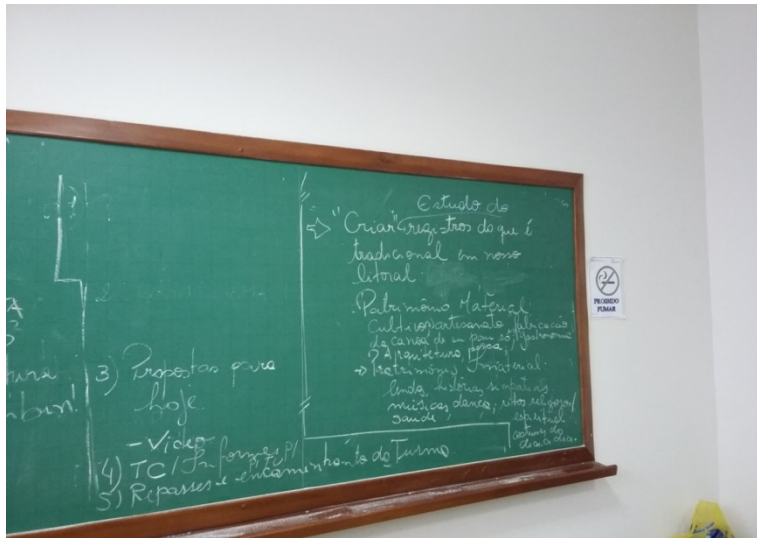


Foto: Neusa Maria Tauscheck. Construção coletiva da ementa da ICH: Cultura das Populações Tradicionais do Litoral do Paraná.

Após o debate a ementa da ICH ficou assim definida: “*Pesquisas dos registros sobre as tradições culturais em nosso litoral. Patrimônio Material: cultivos, artesanato, pesca, fabricação de canoa de um pau só, gastronomia, arquitetura. Patrimônio Imaterial: lendas, histórias, simpatias, músicas, danças, ritos religiosos/espiritual, saúde, costumes do cotidiano*”. Ementa que foi viabilizada por meio de ações como: debate do vídeo documentário: População Tradicional X Economia Verde; rodas de conversas sobre a cultura presente nas comunidades dos educandos e nas demais comunidades do Litoral do Paraná; aulas de campo nas comunidades da Ilha Rasa, Ilha de Superagui e Tagaçaba e, levantamento bibliográfico das produções [teses, livros, documentários, artigos] sobre as comunidades tradicionais no Litoral do Paraná.

Nosso objetivo geral foi o de: “*vivenciar processos de ensino-aprendizagem sobre a organização coletiva da ICH, elaborar encaminhamentos que abordem a cultura das Populações Tradicionais do Litoral do Paraná, como forma de adensar os conhecimentos sobre a constituição dos sujeitos do campo do Território do Litoral*”.

A itinerância vivenciada na comunidade de Ilha Rasa na Escola R. M. Gabriel Ramos da Silva/Colégio Estadual Ilha Rasa trouxe a possibilidade de diálogos sobre conhecimentos presentes na ementa da ICH. As atividades foram desenvolvidas na Escola Estadual da Ilha Rasa.



Foto: NeusaMariaTauscheck. Tempo Universidade no Colégio Estadual Ilha Rasa.

Dentre as atividades, foram realizados debates sobre o “Ser Caiçara” (foto). Nesta Turma da Licenciatura em Educação do Campo há educandos das mais variadas localidades do Litoral Paranaense², há ilhéus, quilombolas, moradores de cidades que não possuem acesso ao mar. Este conjunto de sujeitos e suas histórias trazem nas suas falas diferentes concepções do caiçara. Para alguns educandos o nome caiçara é usado de forma pejorativa, associado a um sujeito preguiçoso e ignorante.

É a partir do momento que pessoas de fora (como ele dizem), que a Universidade chega nas ilhas que se começa a pensar o pescador, e todos aqueles que nela vivem como o caiçara. Ser caiçara é algo que é estranho para alguns, demonstram que é preciso estudar, conhecer mais sobre os modos de vida desses sujeitos para que seus direitos sejam conhecidos e respeitados. Na foto do quadro negro estão palavras associadas que os educandos foram trazendo para o conceito de ser “Ser Caiçara”. Há como já dito, uma forte associação com expressões pejorativas ou mesmo a um sujeito que vive fora da área urbana, da cidade. Entretanto, há expressões como: Identidade de

²Morretes, Antonina, Guaraqueçaba: Tagaçaba, Batuva, Rio Verde, Ilha Rasa, Ilha de Superagui, Guaratuba: Salto Parati.

uma cultura – lugar”, “reconhece suas origens e as valoriza”, que apontam para uma forma de pensar o caiçara associado a sua cultura, a seus modos de viver.

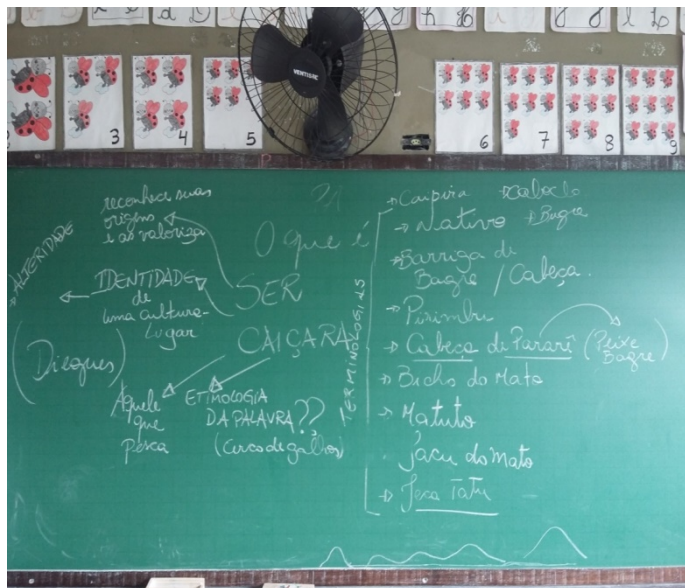


Foto: Neusa Maria Tauscheck. Síntese do debate sobre “O que é Ser Caiçara”.

O termo caiçara está presente no dicionário: O Tupi na Geographia Nacional. Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo de Theodoro Sampaio e, tem origem no vocábulo Tupi-Guarani *caá-içara*, que era utilizado para denominar as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, e o curral feito de galhos de árvores fincados na água para cercar o peixe. Posteriormente, caiçara foi o nome dado às palhoças construídas nas praias para abrigar as canoas e os apetrechos dos pescadores. Só mais tarde passou a ser o nome dado a todos os indivíduos e comunidades do litoral dos Estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro (Diegues).

A criação da auto-identidade caiçara é um processo em construção e teve que superar um período histórico longo em que o estereótipo caiçara, identificado como indolente, preguiçoso, negador do progresso era amplamente difundido na opinião pública. Identificando o caiçara ao selvagem, ao não-cidadão, ao sem-direitos, era mais fácil ao especulador imobiliário expulsá-lo de seu território, tomando-lhe a terra para implantar o progresso e a civilização. O morador das ilhas se defronta

comum preconceito e com uma exclusão dupla: a de caiçara e a de ilhéu. (...) Este, para o veranista, sobretudo para o recém-chegado, tem de ser socialmente desqualificado para que a conquista da ilha como território do maravilhoso, do paradisíaco possa ser efetuada. O ilhéu é bom selvagem, fazendo parte do mundo natural somente quando aceita passivamente a expropriação de seu pedaço da paraíso, continuando a fazer parte da paisagem natural, enquanto toma conta da terra do novo dono. De bom selvagem, habitante do paraíso insular, parte da paisagem idílica com as variadas espécies animais e vegetais, o ilhéu-caiçara passa a ser considerado o destruidor do Éden. Nesse caso, o preconceito se torna ideologia que justifica a ação conquistadora. (DIEGUES, 1997, p.22-3)

Conceito de alteridade foi apresentado nos debates como forma de ver o Outronão pelos olhos do julgamento entre o certo e o errado, entre o que se aproxima a mina forma de ver o mundo e aquele que é diferente e deve ser excluído. Esse exercício sobre as relações humanas, a cultura está na filosofia da condição humana definido por Arendt:

Ser diferente não equivale a ser outro - ou seja, não equivale a possuir essa curiosa qualidade de «alteridade», comum a tudo o que existe e que, para a filosofia medieval, é uma das quatro características básicas e universais que transcendem todas as qualidades particulares. A alteridade é, sem dúvida, um aspecto importante da pluralidade; é a razão pela qual todas as nossas definições são distinções e o motivo pelo qual não podemos dizer o que uma coisa é sem a distinguir de outra. Na sua forma mais abstrata, a alteridade está apenas presente na mera multiplicação de objetos inorgânicos, ao passo que toda a vida orgânica já exhibe variações e diferenças, inclusive entre indivíduos da mesma espécie. Só o homem, porém, é capaz de exprimir essa diferença e distinguir-se; só ele é capaz de se comunicar a si próprio e não apenas comunicar alguma coisa - como sede, fome, afeto, hostilidade ou medo. No homem, a alteridade, que ele tem em comum com tudo o que existe, e a distinção, que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se singularidades e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade dos seres singulares. (ARENDR, 2009, p.92)

Portanto, no desenvolvimento das ações da ICH, a reflexão maior foi a de desmitificar o caráter ideológico do uso do termo caiçara. O termo caiçara foi construído ao longo da história atrelado a exploração do território. A itinerância vivenciada na Turma Guará, por meio da observação e dos diálogos realizados,

possibilitou aos educandos que nunca tinham ido a ilha, compreendessem a organização espacial deste Território. Organização essa qual não se restringe a atividade econômica do turismo. A Licenciatura em Educação do Campo apropor a itinerância fez com que os educandos e educadores vivenciassem em outros lugares, outros modos de viver e assim repensar qual o papel do educador do campo.

A Licenciatura em Educação do Campo – UFPR, com todas as contradições em tempo de perdas nas conquistas de políticas públicas na esfera federal para os sujeitos do campo, cada vez mais exige dos educadores e educando a vigilância e ações de resistência para que possamos vislumbrar outros tempos, como novos ares de participação popular.

Referências Bibliográficas

ARENDRT, H. A Condição Humana. 10ª ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária , 2009.

BIGARELLA, J. J. Matinho: homem e terra reminiscências. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2009.

Diegues, A. C. S. O mito moderno da natureza intocada. — 3. a ed. — São Paulo : Hucitec Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2000.

_____. As ilhas e arquipélagos tropicais brasileiros: práticas sócias e simbólicas. In: _____ (Org.). Ilhas e sociedades insulares. São Paulo: NUPAUB-USP, 1997, p.3-36.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

PROGRAMA PROCAMPO – SESU/SECADI/SETEC EDITAL 02 SETEMBRO/2012
CURSO ESPECIAL DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO UFPR/
Setor Litoral. Disponível em:
<http://www.litoral.ufpr.br/portal/wpcontent/uploads/2015/04/Educa%C3%A7%C3%A3o-do-Campo.pdf>. Acesso em 07/06/2017.

SAMPAIO, T. 1901. O Tupi na Geographia Nacional. Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica.

UFPR LITORAL. *Projeto Político Pedagógico*. Matinhos. 2008. Disponível em:
<http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/02/PPP-UFPR-LITORAL_Set-2008_Alteracao_Dez-2008.pdf>. Acesso em: 20/12/2016.